

Pertencimento e territórios

Part. Alex Teixeira



Microfone Aberto: transcrição do episódio com Alex Teixeira

Eu sou Alex Teixeira, sou artista multidisciplinar, atualmente sou mestrando lá no PPCULT, na UFF, no Programa de Cultura e Territorialidades, e também faço parte da PP, que é uma organização sediada aqui no Rio, que existe há dez anos. A gente trabalha com cultura, é muito focado em memória, pluralidade e cotidiano.

A gente tem um baita desafio nas mãos, agora, com o pós-pandemia, que é a reconstrução de uma cidade, a reconstrução de um país, entendendo que caminho é esse que a gente quer ter, que sociedade é essa que a gente pretende restabelecer. O pertencimento dos territórios se dá muito a partir das vivências do cotidiano. Então, eu estou aqui, por exemplo, há exatos nove meses, trancado nessa casa, só saio para questões essenciais. E, dentro desse período, eu tive a oportunidade de descobrir uma série de coisas que eu não percebia, por exemplo, que vai desde o vassoureiro, que é um cara com uma voz de cantor incrível, passando pelo carro do ovo, pelo carro do ferro velho, o carro da fruta, o carro do peixe, o vendedor de rosca. Então, a gente tem toda uma fábula que está aqui no entorno e que, no decorrer dos dias, isso normalmente não fica muito nítido pra gente. E são essas pessoas que constroem essa identidade do território, essa identidade do cotidiano também. Como é que a gente se aproxima disso? Fico pensando muito que a realidade virtual tem essa capacidade enorme, que é de aproximar tanto o presente, quanto o passado e o futuro, e essas camadas de apagamento que a gente vive. O Rio, por exemplo, é uma cidade que enfrenta essas camadas de apagamento, desde a sua construção, desde a fundação da cidade. E aí, a gente vive essas diversas camadas de apagamento na cidade do Rio, desde a sua fundação, seja a partir do arrasamento do Morro do Castelo, sejam as reformas urbanísticas que aconteceram lá no período Pereira Passos, passando por todos esses aterros que a cidade também teve. Então, nesse sobrevoo do Quiguar, que vai passar ali pelo Pasmado, Baía de Guanabara, que a gente tem na bandeira da cidade a imagem dos golfinhos, que eram milhares de golfinhos na Baía, e desses golfinhos, sei lá, a gente tem, atualmente, trinta, e que ficam no fundo da Baía, lá pelos lados mais para Magé e Guapimirim. Então, tem todas essas camadas de apagamento e de mudanças que a cidade vem sofrendo, ao longo do período, desde a sua fundação.

E aí fico pensando muito também nessa antiga orla que a gente tinha, de sobrevoar ali o Aeroporto Santos Dumont, que há alguns anos, sei lá, há setenta anos, existia ali a Praia das Virtudes. Então, como é que a gente descobre, também, essas figuras

que frequentaram esse Rio, que hoje é pouco falado. Tem uma senhora chamada dona Édia, que mora num cortiço, no Centro, e que ela era uma frequentadora da Praia das Virtudes. Então, como é que a gente amplia esse leque para observar também esse Rio que foi apagado, mas que a gente ainda tem algumas memórias vivas por aí, e que merecem ser resgatadas também. Essas histórias merecem vir à tona. E fico pensando muito que a realidade virtual pode contribuir bastante com esse imaginário, desde a gente redescobrir essas camadas de apagamento até inventar novos futuros. Então, acho que a gente está no exato momento, de cara para o gol, no momento de reinventar os novos futuros. Então, cabe também pensar que cidade é essa, que legado é esse que a gente quer deixar para o futuro e que memória é essa que a gente não quer deixar que seja esquecida.

Dentro da proposta de vivência, me vem sempre à mente o conceito de cartografias afetivas. São mapas que a gente pode criar e identificar aqueles lugares que a gente, de fato, se apropria, ou aqueles lugares que, de fato, a gente tem interesse. Muitas vezes, os mapas institucionais, e aí falando do Rio de Janeiro, eles apresentam o 'Rio cartão postal', onde vez ou outra as favelas estão invisibilizadas. Então, que mapas são esses que a gente tem, de fato, um pertencimento e que a gente quer visibilizar? E aí, fico pensando muito nesse trajeto do Centro Cultural, passando pelos bairros do Catete, Glória, Lapa, Centro, uma série de possibilidades que a gente tem aqui nesse território e que não são vistas, ou melhor, são vistas mas não são visibilizadas. Você tem a Lapa, um shopping-chão, que é um exemplo de um museu a céu aberto, em que aqueles vendedores de artesanato, de garimpo, eles têm toda uma história, seja sobre a descoberta daquele garimpo, como se deu, a descoberta daquela peça, até ela chegar ali, como você cria um valor para aquele produto e como esse produto é narrado para ser vendido. E aí, como é que você transforma aquilo ali num objeto para levar para a sua casa ou para você vestir? Então, ter essas possibilidades de atravessamento que a cidade nos proporciona e, às vezes, quando a gente olha do lado, quando a gente olha de cima, a gente tem uma ideia de que é um conjunto homogêneo. Não, a cidade é completamente heterogênea. Então, é importante que a gente ande como o "turista aprendiz" lá do Mário de Andrade, sempre se surpreendendo com os tropeços do dia a dia. E aí, é desde um grafite novo que a gente identifica passando pela rua, ou então, é um vendedor que a gente descobre - 'esse cara não tinha aqui' - é uma loja, agora com a pandemia, eu estou em casa nove meses, então eu só fico lendo as notícias que o comércio tal tem cem anos fechou, ou então, é o comércio tradicional que tem cinquenta anos vai desaparecer. Eu não imagino, ainda, que cidade do Rio de Janeiro é essa, que eu vou encontrar quando sair de casa, daqui a sei lá quantos meses, depois que for vacinado, que imagino que não vá acontecer logo. Então, é imaginar que Rio é esse que eu conheci antes da pandemia, que cidade é essa que eu vou encontrar depois, como é que eu contribuo, seja através de aparatos tecnológicos, seja através da minha memória para levar essa história de cidade adiante. Através dessa cidade heterogênea, a gente consegue, de fato, ter uma miscelânea para criar essa mistura efervescente que, de fato, são as cidades. E aí a gente perceber que a dinâmica da cidade ela é diferente em cada rua que a gente passa. A gente tem, na rua do Oi Futuro, o Castelinho, agora tem a Casa Nem, que está entre o Castelinho e o Centro Cultural. Então, imagine o caldo efervescente que essa mistura nova, que apesar de serem casas que estão ali há décadas, o Castelinho tem as suas histórias, as suas memórias de palácio mal assombrado.

Agora você tem a Casa Nem, com aquela galera super potente, você tem o Centro Cultural, do lado, com todo esse aparato de pesquisa e tecnologia. Então, imagina o caldo que não pode entornar, quando a gente, de fato, puder voltar a ocupar os espaços e a agir de maneira presente, com os nossos corpos presentes na cidade. Então, fico pensando que essas misturas que acontecem o tempo inteiro, elas são muito frutíferas para a gente ter uma outra cidade, para a gente estar o tempo inteiro ressignificando essa cidade. E ressignificando as pessoas que vivem nela também. As instituições, os governos, a sociedade em geral, a gente está imbuído de uma série de práticas, que são práticas que já não vale tanto a pena continuar. E aí, eu faço uma leitura dessas práticas, como um caderno, que chegou no mês de dezembro, e a gente tem um caderno do ano, em que anotamos uma série de coisas, você ainda tem algumas páginas em branco, mas tem um acúmulo do ano. E ainda tem um restinho ali, até a gente entrar de recesso. Então, quais são as práticas que a gente pode ressignificar, a partir dessas páginas que a gente tem em branco? E é assim que eu vislumbro o futuro, como uma página em branco, mas tendo um acúmulo de um caderno do ano inteiro, a gente pode olhar lá, dar aquela pinçada no que realmente vale a pena e reescrever esse futuro de uma outra forma. E aí, pensando em instituições como os centros culturais, os museus, pensando nessa volta que a gente vai ter em algum momento, e olhando também práticas de outros lugares, em que os museus e centros culturais se abrem para o território, abrem as suas portas para a rua. Então, acho que o grande desafio que a gente tem para todos os espaços que fazem cultura e que produzem cultura na cidade é como a gente, de fato, se abre para a rua e faz com que se tenha uma absorção de outros públicos, como é que a gente faz para ter uma absorção de outras camadas que não estão dentro daquele espaço. Vejo como um grande desafio, mas acredito também que seja uma grande possibilidade da gente reinventar um futuro novo, a partir do que a gente tem hoje, de todo o acúmulo que veio até o presente momento. Temos boas páginas em branco para serem escritas aí para um futuro mais justo, mais igualitário e mais diverso.